

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**Daqui não saio daqui ninguém me tira! - estudo qualitativo
sobre identidade de lugar numa população idosa isolada**

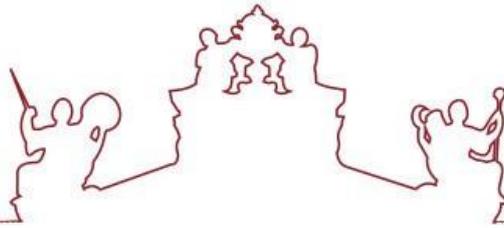
Micaela Filipa Dias da Silva

Orientador(es) | Maria de Fátima Bernardo

Paulo Miguel Cardoso

Évora 2022





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**Daqui não saio daqui ninguém me tira! - estudo qualitativo
sobre identidade de lugar numa população idosa isolada**

Micaela Filipa Dias da Silva

Orientador(es) | Maria de Fátima Bernardo

Paulo Miguel Cardoso

Évora 2022



Agradecimentos

Este projeto foi um grande desafio e uma realização que se torna um marco na minha vida e que nunca seria possível concluir sem a ajuda e o apoio de pessoas tão especiais. Por isso, não posso deixar de lhes agradecer, uma vez que, tiveram um papel tão importante neste meu percurso.

Em primeiro lugar, quero agradecer, em especial, à Professora Doutora Fátima Bernardo por me ter aceitado como sua orientanda e por me ter acompanhado durante esta longa jornada. Queria ainda agradecer por toda a sua orientação, disponibilidade, pelo apoio, conhecimento, pelos conselhos e críticas que me proporcionou durante este período de realização da dissertação de mestrado e que me permitiram terminar este trabalho com sucesso.

Agradecer também ao Professor Doutor Paulo Cardoso pela disponibilidade em me ajudar, pelo saber e pelas diretrizes facultadas que me auxiliaram a realizar um melhor trabalho.

Quero também gratificar as UCC's de Grândola e Santiago do Cacém por me terem recebido e auxiliado na recolha de dados para este estudo. Agradecer principalmente às enfermeiras Rute Moura e Inês Almeida por toda a disponibilidade e paciência sem esquecer os restantes técnicos da equipa (enfermeiras, assistentes operacionais e motoristas das Unidades Móveis) por toda a ajuda ao longo deste processo.

Agradecer a todos os idosos, que me receberam no seio dos seus lares, pela colaboração neste estudo.

À minha mãe, por acreditar em mim e me incentivar a ser melhor todos os dias da minha vida, pois sem esforço e dedicação nunca alcançaremos os nossos sonhos.

À minha avó pelo carinho, preocupação e prontidão a ajudar.

Aos meus amigos, pelo apoio prestado, mas em especial à Maria Freire pela ajuda, disponibilidade e paciência para me amparar e confortar nos momentos menos felizes.

O meu muito obrigada a todos vós!

Daqui não saio daqui ninguém me tira! estudo qualitativo sobre identidade de lugar numa população idosa isolada

Resumo

O objetivo desta investigação é explorar a importância da identidade ao lugar de residência de uma população idosa residente no Alentejo e que vive isolada, e perceber as dimensões da relação com o espaço que emergem como fundamentais para estruturar a identidade ao lugar. Cinquenta e quatro idosos (50% mulheres) com idades entre 65 e 96 anos. Foram realizadas entrevistas cuja análise de conteúdo recorreu à Consensual Qualitative Research (CQR), com o recurso a dois júris e um auditor. Os resultados permitiram identificar um conjunto de 4 dimensões da identidade de lugar: individual, social, ambiental e funcional, cada uma delas com um conjunto de categorias. As dimensões e categorias identificadas mostram uma identidade ao lugar cimentada essencialmente na ligação individual com o espaço e da ligação ao ambiente, sendo a dimensão social praticamente inexistente. Os resultados foram ainda explorados em função do estado civil e género. Estes resultados enfatizam a importância da ligação aos lugares para a identidade e bem-estar dos indivíduos, e apontam estratégias para apoiar estas populações idosas que vivem isoladas.

Palavras-Chave: Identidade de lugar; vínculo de lugar; idosos; isolamento geográfico; estudo qualitativo

I will not be leaving, nobody will take me out of here! - qualitative study about place identity with an isolated elderly population

Abstract

The aim of this research is to explore the importance of place identity of residence of this population, and to understand the dimensions of the relationship with space that emerge as fundamental to structuring the place identity. 54 older people (65-96 years old) living alone and isolated were interviewed. For content analysis, Consensual Qualitative Research (CQR) was used, with the use of two juries and an auditor, which allowed a qualitative analysis of the interviews. The results made it possible to identify a set of 4 dimensions: individual, social, environmental and functional, each with a set of categories. The identified dimensions and categories show a place identity supported essentially in the individual connection with the space and the connection with the environment, being the social dimension practically inexistent. The results were further explored according to marital status and gender. These results emphasize the importance of place identity for the identity and well-being of individuals, and point to strategies to support these elderly populations who live in isolation.

Keywords: Place identity; place attachment; elders; living in an isolate place; qualitative study

Índice

Introdução e enquadramento teórico	1
Importância dos lugares para a identidade	1
Identidade de lugar segundo Proshansky.....	2
Destaque do <i>place atachment</i>	4
A identidade de lugar e necessidades psicológicas	6
Identidade ao lugar na velhice	7
Identidade à casa.....	11
Local de pesquisa.....	12
Metodologia.....	13
Participantes	14
Procedimento de recolha de dados	15
Investigadores.....	15
Entrevista.....	15
Recolha de dados	15
Tratamento de dados.....	16
Resultados.....	17
Diferenças de género	24
Diferenças quanto a viver sozinho ou acompanhado	24
Discussão.....	28
Implicações dos resultados	32
Limitações para a investigação.....	33
Referências Bibliográficas.....	34
Anexos	42
Anexo A- Guião da entrevista	43

Índice de Figuras

Figura 1. Litoral Alentejano	13
---	----

Índice de Tabelas

Tabela 1. Variáveis sociodemográficas dos participantes	14
Tabela 2. Dimensões, categorias e exemplos de fatores da ligação ao lugar	19
Tabela 3. Domínios, categorias, frequências e percentagens	22
Tabela 4. Cruzamento das dimensões identificadas com as necessidades psicológicas	26

Índice de Anexos

Anexo A- Guião da entrevista	43
---	----

Introdução e enquadramento teórico

‘Identidade’ define quem ou o que é um indivíduo. Concepções ou características pessoais e únicas da pessoa constituem o que é tradicionalmente chamado de "identidade pessoal" (por exemplo, uma pessoa gentil ou boa) (Twigger-Ross, Bonaiuto & Breakwell, 2003). Mas a identidade também envolve a participação em grupos ou categorias sociais. Este aspeto da identidade foi chamado de "identidade social" (Tajfel & Turner, 1986) (por exemplo, uma mulher ou um muçulmano). Mas a identidade também pode envolver pertencer a territórios ou lugares (Bernardo & Palma- Oliveira, 2016). Este aspeto da identidade é tradicionalmente chamado, na psicologia ambiental, de "identidade de lugar" (por exemplo, ser eborense). De acordo com as teorias psicológicas de identidade, derivamos muito do senso de quem somos e muito da nossa auto-estima dos nossos aspetos pessoais e únicos, bem como das nossas associações a grupos ou pertences do lugar, embora a ênfase num elemento ou outro varie entre as diferentes teorias (Twigger-Ross et al., 2003).

Importância dos lugares para a identidade

Desde os primórdios da psicologia do *self* que os objetos e os lugares aparecem como elementos integrantes da identidade do sujeito. Williams James (1890) falava nos objetos como símbolos do *self* (e.g., a nossa casa), concetualizando o *self* com uma dupla componente o “eu” e o “meu”. Por sua vez, E. Erickson (1946) introduziu o termo de identidade espacial, e usou a componente espacial na discussão sobre a identidade individual. Fried (1963) explorou o impacto do realojamento na identidade de uma comunidade em Boston, enfatizando a relação entre a continuidade espacial e a continuidade da identidade individual. Na década de 80 com os trabalhos de Proshansky, Fabian & Kaminoff, 1983, foi introduzido e descrito o conceito de *place identity*, salientando que os lugares com significado para o sujeito são parte da identidade do próprio. Esses lugares podem ser variados e ter várias escalas geográficas, sendo o lar um dos elementos identificados com maior importância para o sujeito.

Embora cada um deles defina "lugar" de maneira um pouco diferente, muitas das suas suposições subjacentes são compartilhadas. A primeira suposição é que através do apego pessoal a lugares geograficamente localizáveis, uma pessoa adquire um sentido de pertença e propósito que dão sentido à sua vida. Sem exceção, a casa é considerada o

"lugar" de maior significado pessoal numa vida – “o ponto de referência central da existência humana” (Relph, 1976, p. 20).

Identidade de lugar segundo Proshansky

Uma contribuição importante para o conceito de identidade ao lugar foram os trabalhos de Proshansky e colegas (Proshansky, 1978; Proshansky et al., 1983). O primeiro artigo de Proshansky elaborado sobre o tópico de "identidade de lugar", em 1978, explorou a cidade em relação à identidade própria e argumentou que a "identidade de lugar" deveria ser incluída com outras identidades específicas, como sexo e classe social. Em 1983, mais detalhes são dados sobre a relação entre "identidade de lugar", autoidentidade e o sistema do *self*. Especificamente, "identidade de lugar" está localizada dentro de "identidade própria", que por sua vez é considerada uma subestrutura do sistema do *self*. Proshansky et al. (1983), argumentam que essa concepção de identidade própria é limitada por dois motivos. Em primeiro lugar, não considera a influência das configurações físicas na autoidentidade. Em segundo lugar, eles sugerem que as teorias tradicionais da personalidade e do *self* enfatizam a natureza estável e unificada do *self*, negligenciando as mudanças na identidade própria que correspondem aos principais estágios da vida e não apenas durante a infância. Correspondentemente, eles sugerem que a pesquisa não investigou o impacto de mudanças ambientais significativas na identidade própria, como a relocação.

A identidade de lugar é definida como uma subestrutura da autoidentidade da pessoa que consiste em cognições, amplamente concebidas, sobre o mundo físico em que o indivíduo vive (Proshansky et al., 1983). Essas cognições representam memórias, ideias, sentimentos, atitudes, valores, preferências, significados, concepções de comportamento e experiências que se relacionam com a variedade e complexidade de configurações físicas que definem a existência cotidiana de cada ser humano (Proshansky et al., 1983). No cerne de tais cognições relacionadas ao ambiente físico está o "passado ambiental" da pessoa; um passado constituído por lugares, espaços e as suas propriedades que serviram de forma instrumental na satisfação das necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais da pessoa; conjunto de cognições relativas a crenças e atitudes positivas e negativas sobre aquele mundo físico vivenciado. As opiniões de outras pessoas sobre o ambiente físico também moldam a identidade de lugar

(Proshansky et al., 1983). Neste contexto os autores identificam a identidade de lugar como tendo cinco funções: **reconhecimento, significado, exigência expressiva, mudança mediadora e ansiedade / defesa.**

As funções de **reconhecimento** e **significado** trabalham para permitir que uma pessoa reconheça e compreenda o mundo físico por meio da comparação com o seu "passado ambiental". A terceira e quarta funções de identidade de lugar, **requisitos expressivos** e funções de **mudança de mediação** "fornecem uma base para "diagnosticar" a natureza, valor e relevância de um ambiente físico" (Proshansky et al., 1983). Após esse diagnóstico, se houver uma incompatibilidade entre as cognições de identidade de lugar e as propriedades de um ambiente, essas funções funcionam para corrigir essa incompatibilidade. Novamente, há um impulso implícito em direção a algum estado desejado que não é elaborado. Os autores consideram também que há necessidade de uma pessoa adquirir as habilidades de compreensão ambiental, competência ambiental e controle ambiental para mediar a mudança nas discrepâncias entre a identidade de lugar e o ambiente físico. A função final é a de **ansiedade e defesa**. Esta refere-se a todas as cognições de ambiente físico que servem para definir, manter e proteger a autoidentidade de uma pessoa. Eles podem sinalizar ameaça ou perigo em ambientes físicos ou podem representar tendências de resposta que defendem ou protegem a pessoa contra esses perigos.

Não está totalmente claro onde se encaixam estas funções e se são consideradas exclusivas da identidade de lugar. Em termos de estrutura cognitiva, elas podem ser consideradas grupos de cognições. Elas "atendem à necessidade de algum nível de integração da identidade própria do indivíduo" (Proshansky et al., 1983, pág.66). No entanto, não há explicação sobre a natureza da "integração" ou os processos pelos quais ela ocorre. Num exame mais detalhado das funções, há um princípio-chave que parece dominar no que diz respeito à integração da identidade própria - a continuidade. Todas as cinco funções discutidas enfocam a importância de manter a continuidade do lugar, a fim de manter a continuidade do eu. Esta continuidade pode ser mantida pela permanência no lugar, em que o lugar atua como referente de identidades e ações passadas e nesse sentido fornecendo uma ligação entre identidades passadas e presentes – continuidade de lugar referente. Por outro lado, a continuidade de lugar congruente, é a procura de lugares que

partilhem as mesmas características, isto é que sejam congruentes com os desejos e valores do sujeito (Twigger-Ross and Uzzell, 1996).

Destaque do *place attachment*

Em análise, o apego ao lugar pode fornecer uma sensação de segurança e estímulo diários e contínuos, com lugares e objetos que oferecem instalações previsíveis, oportunidades para relaxar de papéis formais, a chance de ser criativo e de controlar aspetos da sua vida. A outro nível, o apego ao lugar pode ligar as pessoas a amigos, parceiros, filhos e parentes de uma forma aberta e visível. Pode ligar as pessoas a outras simbolicamente, fornecendo lembretes da infância, pais, amigos, ancestrais.... Além disso, os vínculos de lugar podem ligar as pessoas à religião, nação ou cultura por meio de símbolos abstratos associados a lugares, valores e crenças. Em muitos aspetos, pode não ser o apego a um lugar particular que seja central; em vez disso, pode ser o apego afetivo a ideias, pessoas, estados psicológicos, experiências passadas e cultura que é crucial. E é por meio do veículo de configurações ambientais particulares que esses processos individuais, grupais e culturais se manifestam. O lugar pode, portanto, ser um meio que incorpora e é um repositório de uma variedade de experiências de vida, é central para essas experiências e é inseparável delas. Assim, o lugar não é necessariamente o foco final do apego. E é por meio do veículo de configurações ambientais particulares que esses processos individuais, grupais e culturais se manifestam.

Ampliando essa ideia, pode-se inferir que o apego ao lugar pode contribuir para a formação, manutenção e preservação da identidade de uma pessoa, grupo ou cultura. E o apego ao lugar também pode desempenhar um papel na promoção da auto-estima, do valor e do orgulho individual, grupal e cultural.

Um dos preditores de fixação de lugares que tem recebido mais atenção é o tempo de residência, mostrando que as pessoas que viveram mais tempo num lugar sentem maior apego a ele (Riger & Lavrakas, 1981; Taylor, Gottfredson, & Brower, 1984). No entanto, em ocasiões isto é variável e tem demonstrado ser mediada por outros, tais como o número de relações dentro de uma comunidade, casa como propriedade ou não, a presença de incivildades na sua propriedade, e mesmo o âmbito da ligação analisada (Giuliani, 1991; Brown, Perkins & Brown, 2003).

Como o apego ao lugar foi vinculado a resultados positivos e negativos, é importante que os investigadores tenham clareza sobre o que se entende por apego ao lugar. A definição ampla, que coloca o apego a um vínculo emocional entre as pessoas e seus ambientes (Brown & Raymond, 2007; Jorgenson & Stedman, 2001), é imprecisa, resultando em considerável debate na literatura sobre como defini-lo e medi-lo com mais precisão (Lewicka, 2011; Trentelman, 2009). Atualmente, não há um consenso claro sobre se o apego ao lugar é um fator de ordem única, um fator secundário constituído por componentes primários ou um integrante de um fator de ordem superior, como senso de lugar (Hernández, Hidalgo, Ruiz, 2020).

Os benefícios do apego ao lugar para o indivíduo incluem uma melhor qualidade de vida (Harris, Werner, Brown & Ingebritsen, 1995), melhor saúde física e psicológica, relações sociais mais satisfatórias e maior satisfação com o ambiente físico (Tartaglia, 2012). As pessoas que não desenvolvem apego ao lugar, mas, em vez disso, veem as suas casas de forma negativa quando comparadas a casas anteriores, relatam níveis mais elevados de *stress* e mais problemas de saúde (Stokols & Shumaker, 1982).

Embora o apego ao lugar tenha sido vinculado positivamente, ele também pode ter efeitos colaterais negativos. Fried (2000) observou que o apego ao local pode-se tornar disfuncional se impedir as pessoas de considerarem alternativas futuras. Twigger-Ross e Uzzell (1996) descobriram da mesma forma que as pessoas que estavam apegadas às suas casas provavelmente não iriam embora, mesmo quando o lugar deixou de ser habitável. Isso pode ser problemático para os idosos que podem beneficiar da mudança para mais perto de instalações médicas ou para pessoas para as quais as circunstâncias mudam e a mudança é a opção que faz mais sentido lógico, por exemplo, pessoas que não podem pagar mais as suas casas ou que precisam de se mudar em busca de oportunidades de emprego.

Na sequência dos trabalhos de Proshansky et al., (1983), muitos autores têm procurado identificar as dimensões associadas à identidade de lugar, assim como o impacto das ameaças aos lugares na identidade dos sujeitos. Com objetivo de compreender a estrutura do conceito, Droseltis & Vignoles (2010) identificam quatro dimensões principais. A primeira dimensão é a noção de “*self-extension*” onde há a ideia de que os lugares são experienciados cognitivamente como parte do self (Proshansky et al., 1983). A segunda dimensão gira em torno da noção do “*ecological self*” também

capturado no conceito de 'identidade ambiental' (Clayton & Opatow, 2003), em que os indivíduos desenvolvem um sentido subjetivo de se encaixar ou ser parte do seu ambiente físico (seja 'natural' ou outro). A terceira dimensão é a noção de **congruência entre self e lugar**, refletindo a ideia de que o lugar é de alguma forma semelhante ou corresponde aos valores e personalidade do indivíduo (Sirgy & Su, 2000). A quarta e última dimensão é a concetualização da identidade de lugar em termos de apego, a chamada “**vinculação ao lugar**”, isto é a ligação emocional do sujeito ao lugar (Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

A identidade de lugar e necessidades psicológicas

Alguns autores procuraram explorar em que medida a identidade ao lugar contribuía para cumprir algumas das necessidades psicológicas individuais. Neste âmbito a Teoria do Processo de Identidade Breakwell (1988, 1993), desenvolvida no âmbito da psicologia social e depois aplicada à compreensão da identidade de lugar (e.g., Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Knez, 2005; Bernardo & Palma-Oliveira, 2005) considera que a identidade é guiada por quatro princípios. Assim, as pessoas constroem e defendem as suas identidades de modo a manter uma **distintividade positiva** (que decorre da Teoria da Identidade Social de Tajfel & Turner (1986)), **continuidade**, **autoeficácia** e **autoestima**. **Distintividade** refere-se a pessoas que possuem um senso de singularidade, em relação ao local, e pode-se manifestar, por exemplo, na forma como as pessoas decoram as suas casas. **Continuidade** refere-se à ideia de que, conforme uma pessoa cresce e muda, essas mudanças estão de acordo com as ideias subjetivas dessa pessoa sobre si mesma. **Autoeficácia** é definida como a crença de um indivíduo nas suas capacidades para funcionar de forma competente num determinado contexto social e físico; é sentir que se está no controle de uma situação ou lugar. Por fim, a **auto-estima** refere-se a uma avaliação positiva de si mesmo ou do grupo com o qual se identifica; está relacionado com o sentimento de valor pessoal ou valor social de uma pessoa (Breakwell, 1993). Speller (2000) teorizou que o lugar é vital para manter e aprimorar os quatro princípios de identidade listados acima; lugares que nos fazem sentir únicos, no controle, bem connosco mesmos e que são consistentes com as nossas ideias subjetivas de quem somos, têm maior probabilidade de serem assimilados pela estrutura de identidade. Num estudo longitudinal sobre realojamento de um grupo de idosos que usou esta

conceptualização (Bernardo, 2005) verificou que o realojamento teve um impacto significativo nestes 4 componentes da identidade.

Posteriormente Vignoles, Regalia, Manzi, Golledge & Scabini (2006), tendo por base as necessidades humanas básicas de Maslow (1987) incluiu mais dois princípios, a **pertença**, e **significado**. Estes 6 princípios testados em múltiplos contextos foram posteriormente aplicados ao contexto da identidade de lugar (Droseltis & Vignoles, 2010). A pertença significa, neste contexto, a aceitação e inclusão social. A investigação sobre os processos de identidade local tem salientado a importância das relações de vizinhança como um forte preditor de ligação ao lugar (e.g. Bonaiuto, Aiello, Perugini, Bonnes, & Ercolani, 1999; Afshar, Foroughan, Vedadhir & Tabatabaei, 2016; Zhang & Wang, 2020). Também a pertença ao lugar pode contribuir para dar a sensação de significado nas vidas das pessoas. Posteriormente Droseltis e Vignoles (2010), acrescentaram ainda mais 3 princípios: a importância dos lugares para a cumprir as necessidades de **segurança e controle**. De facto, vários estudos salientam a importância de frequentar lugares favoritos para a perceção de segurança e controle (Korpela, Hartig, Kaiser & Fuhrer, 2001) Finalmente o último princípio, as **necessidades estéticas**, que alguns estudos têm mostrado estarem associados ao apego ao lugar (Bonaiuto et al., 1999).

Identidade ao lugar na velhice

A literatura sobre a identidade de lugar tem salientado que à medida que envelhecemos os lugares adquirem uma maior importância na nossa identidade. Como salienta Fornara e Manca (2017), o local de residência tem um significado particular na velhice pelo menos por duas ordens de razões: por um lado porque os idosos passam grande parte do seu tempo no seu ambiente residencial (a sua casa e o seu bairro; e.g., Bonaiuto, Bonnes & Continisio, 2004). E por outro lado porque o ambiente residencial pode ajudar a dar um sentido de continuidade com o passado (Korpela, 2012), mantendo uma auto-imagem positiva. um sentimento de auto-eficácia (Bernardo e Palma-Oliveira, 2005), promoção da identidade, independência e bem-estar (Eyles e Williams, 2008). Do mesmo modo, alterações nos lugares ou perdas da sua habitação ou a imposição de mudança podem ter um efeito significativo na identidade individual e social dos sujeitos,

em termos de autoestima, distintividade, percepção de continuidade e autoeficácia (e.g. Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Bernardo, 2005; Guedes, 2012).

Um modelo articulado que tenta explicar mudanças relevantes na relação pessoa ambiente ao longo da vida, com particular atenção aos processos de envelhecimento, é o Modelo de Congruência Complementar de Ajuste Pessoa-Ambiente (Carp & Carp, 1984), que se baseia na noção de Murray (1938) de que a adaptação depende da satisfação das necessidades pessoais pelo ambiente. Este modelo foi modificado nos últimos anos. Lawton (1998) acrescentou recursos pessoais tais como personalidade e este modelo tem sido amplamente utilizado para investigar a satisfação residencial e a percepção de bem-estar das pessoas idosas que se mantêm nas suas habitações (e.g. Cvitkovich & Wister, 2001; Phillips, Cheng, Yeh & Siu, 2009; Fernández-Portero, Alarcón & Padura, 2016). De acordo com o modelo, o ajuste entre as necessidades individuais e as características dos ambientes é um preditor de vários resultados, como o bem-estar físico, psicológico, satisfação e autonomia (e.g., Phillips et al., 2009, Park & Lee, 2017). Os resultados podem ser modificados ou mediados por outras características intrapessoais (senso de competência pessoal, estilo de enfrentamento, etc.), situações extrínsecas (recursos/ privação de *status*, suporte social, etc.) e eventos de vida. Muitos estudos têm salientado que apesar dos idosos irem diminuindo a adaptação ao ambiente à medida que envelhecem, verifica-se um processo de priorização subjetiva das necessidades que permite ao idoso manter essa adequação entre as suas necessidades e o ambiente. Cvitkovich & Wister (2001), verificaram isso em relação à dependência de transportes públicos, onde os resultados sugeriam que direcionar os recursos de transporte onde o indivíduo prioriza as necessidades ambientais melhorará significativamente o seu bem-estar. Ao compreender a importância do transporte para facilitar as avaliações positivas da vida, a sociedade pode fazer melhor uso de recursos limitados para ajudar os indivíduos a manter o envolvimento com as suas comunidades. A variável “necessidade de transporte” foi um bom preditor de *scores* de bem-estar e, combinado com a idade, o apoio familiar, a saúde e o stress no domínio informal, previram variância do bem-estar.

Um modelo relevante para compreender a adaptação dos idosos ao ambiente é o *Environmental-press Model* (Wahl e Oswald, 2010), que considera dois processos na adaptação da pessoa ao seu ambiente: Agência e Pertença. A agência é um processo ativo de adaptação ao ambiente, baseado no comportamento e ação sobre o ambiente. Este

processo regula a adequação pessoa-ambiente e é essencial para que os adultos mais velhos mantenham a sua independência e a percepção de controle e de auto-eficácia sobre o ambiente. A pertença é baseada na experiência no lugar e descrita como a componente emocional, mas também cognitiva de avaliação e interpretação do ambiente físico, com um cariz marcadamente subjetivo. A pertença inclui o apego a lugares ao longo do tempo e do significado do lar. À medida que as pessoas vão envelhecendo, a importância de pertencer aumenta enquanto a agência diminui (Wahl, Iwarsson, & Oswald, 2012). Neste contexto é fundamental que os idosos mantenham a percepção de controle sobre o ambiente (agência) mas simultaneamente se sintam identificados e ligados a esse ambiente (pertença) (Li, Kleinhans & van Ham, 2019). Para tal é muito importante ter em conta as especificidades culturais dos idosos, como salientou König, Raue, D'Ambrosio, & Coughlin (2019), num estudo que comparou comunidades de idosos nos estados Unidos e na Alemanha. Mais especificamente, Li e Zhang (2021) salientam a importância da identidade ao lugar na adaptação de idosos às mudanças e declínio da sua área residencial. Os autores identificaram um conjunto de estratégias de *coping* nesse processo de adaptação que incluíam, por exemplo, a revisitação das memórias do passado para a manutenção da identidade ao lugar. Porque existe uma forte identidade ao lugar, os idosos preferem manter-se nas suas áreas de residência mesmo em situações em que as suas habitações não cumprem todas as suas necessidades. Severinsen, Breheny & Stephens (2016), verificou, num estudo na Nova Zelândia, que nestes casos as pessoas idosas vivem orgulhosamente em lugares impróprios e não desejam receber apoio para se mudarem ou para se alojarem nas suas casas. Estes idosos recorrem a narrativas de lugar como estruturantes para a sua identidade, como representante das relações com pessoas vivas e mortas, como relações sociais que reforçam a sua identidade e de habitação como parte de narrativas situadas ao longo da vida.

Num outro estudo com idosos Fornara, Lai, Bonaiuto & Pazzaglia (2019), verificaram que o forte apego ao lugar se revelava uma estratégia adaptativa dos idosos para compensar o mau funcionamento do *Person-Environment* (P-E) (Lawton & Nahemow, 1973) quando se sentem incapazes (ou menos capazes) de lidar com as exigências de ambientes desconhecidos.

Outra dimensão psicossocial a ser considerada para prever o envelhecimento bem-sucedido e o bem-estar dos idosos é representada pela rede social percebida: uma possível

necessidade de assistência pode ser satisfeita a partir de uma rede informal de amigos, família, vizinhos e membros da comunidade local (Caetano, Silva & Vettore, 2013). No entanto, quando a rede informal não tem capacidade suficiente para fornecer a assistência necessária, soluções alternativas precisam de ser exploradas a fim de obter o suporte necessário. Para os idosos sem uma boa rede de relacionamentos ou recursos pessoais adequados, o tempo diário na solidão nas suas casas parece ser uma condição muito frequente. Em todos esses casos, a realocação seria preferível e necessária. Paúl et al. (2003) afirmaram que o envelhecimento ativo é amplamente apoiado pela participação social e os seus resultados mostram diferenças significativas entre a população urbana e rural: os idosos rurais apresentam uma rede social maior do que os idosos urbanos, mas apesar de terem mais parentes, amigos e vizinhos, eles têm menos confidentes, compartilham bens e serviços, mas não intimidade. Assim, os idosos rurais cuidam uns dos outros, mas os relacionamentos parecem ser mais instrumentais do que afetivos.

Por fim, também as dimensões psicoambientais devem ser levadas em consideração quando se fala em realocação. De acordo com a Teoria do Apego ao Lugar (Giuliani & Feldman, 1993; Low & Altman, 1992), as pessoas desenvolvem laços de apego com certos lugares, por exemplo, a sua casa, entrando assim em relacionamentos significativos com esses lugares e, finalmente, incorporando-os como parte da sua identidade (Moore, 2000). Conforme afirmado por Rubinstein e Parmalee (1992), um espaço geográfico torna-se um lugar ao qual atribuímos significados por meio de experiências de vida pessoais significativas e interações sociais que acumulamos ao longo do tempo, portanto, uma compreensão do significado do apego doméstico deve incluir um exame de modificações nas experiências afetivas ao longo da vida, principalmente após uma realocação. Portanto, níveis mais altos de mobilidade residencial devem levar a modificações contínuas nas experiências afetivas de apego ao lugar.

A Teoria do Processo de Identidade Breakwell considera ainda dois processos: assimilação e acomodação/avaliação, que são usados para organizar a estrutura da identidade e quatro princípios que norteiam esses processos (Breakwell, 1992). A **assimilação** refere-se à incorporação de um novo componente na estrutura de identidade, enquanto a **acomodação** reorganiza a hierarquia de destaque dentro da estrutura de identidade, assim que o novo componente tenha sido incorporado; **avaliação** refere-se ao significado atribuído ao novo componente.

Identidade à casa

A relação entre as pessoas e o seu ambiente residencial é um tópico significativo na psicologia ambiental, possivelmente porque os ambientes domésticos são um dos ambientes mais salientes na experiência humana (Lawrence, 2002; Tognoli, 1987). Para os idosos e especialmente aqueles com limitações físicas e financeiras, o lar costuma ser o foco central dos seus dias, tornando ainda mais importante entender os preditores pessoais e ambientais da satisfação residencial.

Cada vez mais os investigadores consideram a satisfação residencial multifacetada, abrangendo o interior e o exterior da casa, as relações com os vizinhos, o ambiente físico local, especialmente a sua funcionalidade (segurança, presença e acesso aos serviços), estética (aparência) e características relacionadas com a saúde (qualidade do ar e poluição).

Especialmente entre os idosos que podem estar limitados por problemas de saúde, as habilidades dos residentes limitam ou aumentam o seu envolvimento com o ambiente físico-social, o que influencia as suas opiniões e satisfações. Assim, incluem-se preditores de satisfação que exploram as perceções dos participantes sobre o apoio dos seus ambientes sociais e físicos e a sua própria eficácia como indivíduos (por exemplo, sentir-se saudável, sentir-se fisicamente ativo).

O apego ao lugar é especialmente significativo para pessoas mais velhas por vários motivos. Em primeiro lugar, sentimentos sobre as experiências de alguém ou de lugares anteriores importantes pode ser uma parte importante da lembrança do curso de vida e, portanto, da organização e acesso a uma longa vida útil. O apego a lugares-chave anteriores é uma maneira de manter o passado vivo e, portanto, relaciona-se com as tarefas da vida adulta de manter um senso de continuidade, promovendo a identidade e protegendo a si mesmo contra efeitos destrutivos de mudança. Em segundo lugar, o apego a um lugar atual pode ser uma forma de fortalecer o *self*. Terceiro, o apego a um lugar atual pode ser uma maneira de representar independência e competência (Rubinstein e Parmalee, 1992).

A força do apego ao lugar é predita por certos fatores sociais e demográficos, um dos quais é possuir uma casa (Brown et al., 2003; Lewicka, 2010). Pessoas que possuem casa própria investiram nas suas áreas locais, o que torna provável que vivam lá por muito tempo, tornando-se também um preditor de apego ao lugar e identidade de lugar

(Bonaiuto, Aiello, Perugini, Bonnes, Ercolani, 1999; Brown & Raymond, 2007; Hernández, Hidalgo, Salazar-Laplace, Hess, 2007; Lewicka, 2005, 2010; McCool Martin, 1994; Raymond, Brown & Weber, 2010; Stedman, 2006).

O objetivo do presente estudo é duplo: 1. Analisar os fatores da ligação ao lugar onde se vive; 2. Analisar diferenças de género e estado civil quanto aos fatores de ligação ao lugar. Estes objetivos fundamentam a investigação que enfatiza o papel do lugar onde se vive para a identidade do sujeito (Hidalgo & Hernández, 2001; Rollero De Piccoli, 2010), em particular em populações idosas (Buffel, De Donder, Phillipson, De Witte, Dury & Verté, 2014; Afshar et al., 2016; Wanka, 2017; Zhang & Wang, 2020).

Local de pesquisa

O estudo foi realizado no Alentejo em 2 concelhos (Santiago do Cacém e Grândola) como mostra a figura 1, cuja problemática específica é a dispersão das populações nas zonas rurais. Existe uma grande quantidade de pessoas que vivem muito isoladas e isso torna-se problemático quando são muito idosas e vivem sozinhas. Esta problemática levou os próprios municípios a ter especial preocupação e, em conjunto com a ULSLA, criaram uma Unidade Móvel de Saúde que pudesse dar algum tipo de auxílio a estes utentes.

O Alentejo tem uma unidade de paisagem monótona, associada a um coberto florestal contínuo e a um relevo repetidamente dobrado num substrato de xistos e grauvaques, onde a presença humana sempre foi escassa. Os aglomerados populacionais são raros e de pequena dimensão. Surgem algumas construções isoladas, na sua maioria abandonadas e em ruína. Estas paisagens transmitem uma forte sensação de isolamento e solidão (Oliveira, de Abreu & Correia, 2004).

O Alentejo é a zona do país com maior envelhecimento, onde a divisão da propriedade é diferente, as pessoas tendem a viver nas vilas ou em propriedades afastadas fora dos núcleos urbanos e não em pequenas comunidades. Levanta-se uma questão em particular: as pessoas mais idosas, à medida que os filhos saem de casa e ficam viúvas, ficam isoladas e sem meios de transporte que as permita autonomamente sair de casa. Isto, levanta um problema social importante: mesmo com casa na cidade estes idosos não querem sair do lugar onde estão, demonstrando uma grande ligação ao espaço onde habitam, sentem-se confortáveis a viver assim. Posto isto, o objetivo é perceber porque

este tipo de população não se importa de viver tão isolada, compreender a ligação que as pessoas têm ao local de residência que os permite sentirem-se bem num contexto tão isolado (Oliveira, de Abreu & Correia, 2004).

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), o Índice de envelhecimento nos concelhos de Santiago do Cacém e Grândola são respetivamente 231,6 e 216,3. A densidade populacional no concelho de Santiago do Cacém é de 26,2 hab./km² e em Grândola 16,7 hab./km².



Figura 1. Litoral Alentejano

Metodologia

Nesse tópico é descrito o método utilizado para o desenvolvimento do estudo empírico, incluindo questões referentes a quem foram os participantes, como foi conduzida a entrevista, as questões sobre o consentimento informado, dados sociodemográficos, o procedimento em si e o volume desses dados.

Participantes

Participaram 54 idosos caucasianos reformados (27 mulheres e 27 homens dos quais 14 são casais), com idades compreendidas entre 65 e 96 anos ($M = 79,981$). Os participantes estão referenciados na Unidade de Cuidados Continuados dos concelhos de Grândola e Santiago do Cacém.

Foi recolhida informação relativa às diversas variáveis sociodemográficas como a idade, o grau de escolaridade, o estado civil, profissão, situação residencial e número de descendentes, como é possível ver na Tabela 1.

Tabela 1. Variáveis sociodemográficas dos participantes

Género	Feminino- 27	
	Masculino- 27	
Estado civil	Solteiro- 4	
	Casado- 30	
	Divorciado- 4	
	Viúvo- 16	
Escolaridade	< 4º ano- 26	
	4º ano- 25	
	6º ano- 1	
	9º ano- 1	
	Licenciatura-1	
Situação residencial	Sozinho- 21	
	Acompanhado- 33	Cônjuge- 32
		Familiar da mesma faixa etária- 1
Número de descendentes	0- 5	
	1- 20	
	2- 25	
	3 ou mais- 4	
Profissão	Reformado- 54	

Procedimento de recolha de dados

As entrevistas foram realizadas de forma individual com idosos de ambos os sexos. Foi uma amostragem de conveniência, com os seguintes critérios de inclusão: idade igual ou superior a 65 anos; população reformada ou com emprego onde haja dificuldade de socialização; possuir um local de residência isolado; viver acompanhado por cônjuge ou familiar/es de faixa etária próxima, mas nunca com descendentes.

Investigadores

As entrevistas foram realizadas pela autora da dissertação. A equipa de analistas foi composta pela autora, orientadora e co-orientador. A autora e orientadora fizeram parte da equipa principal de juízes enquanto o co-orientador atuou como auditor externo da equipa. As expectativas dos investigadores centravam-se nas diferenças de género.

Entrevista

A entrevista semiestruturada pretendeu responder, para além da caracterização sócio demográficas, a um conjunto de perguntas sobre a ligação com a sua residência (ver anexo A). As entrevistas tiveram uma duração média de 30 minutos. As respostas foram gravadas, bem como também tomadas notas resumidas para a leitura e confirmação final.

O objetivo das questões é explorar o tipo de ligação que as pessoas têm aos locais, o que faz com que se sintam ligadas ao local. Foram realizadas perguntas abertas para que os entrevistados, de forma espontânea, digam o que os liga ao lugar.

Recolha de dados

A amostragem intencional foi usada para identificar idosos que preenchessem os requisitos necessários ao estudo. O primeiro contacto, foi realizado pelas enfermeiras das UCC'S que contactaram os doentes por telefone sobre o foco e natureza do estudo onde foi assegurado o anonimato e sigilo dos dados, sendo estes então convidados a participar no estudo.

O segundo contacto foi realizado por mim onde aqueles que aceitaram participar foram convidados, de forma individual, a responder a algumas questões de opinião acerca da ligação com a sua residência. Como mostra o anexo A, foi feito um protocolo de orientação para o investigador, onde constam todas as questões para colocar ao

participante, como apresentar-se, apresentar o estudo, apresentar a participação do entrevistado, esclarecer as dúvidas e obter o consentimento informado.

Os participantes do estudo assinaram um consentimento informado. Foram cumpridos os critérios estabelecidos para a investigação científica pela Ordem dos Psicólogos Portugueses bem como as diretrizes impostas pela Direção Geral da Saúde (DGS) devido à situação pandémica atualmente vivida, derivada do vírus SARS-CoV-2 (Covid-19).

Tratamento de dados

A aplicação dos procedimentos de tratamento e análise de dados deu-se através do Consensual Qualitative Research (CQR) que permitiu uma análise qualitativa sobre as entrevistas. CQR é um método indutivo, ideal para uma descrição detalhada do feedback concedido pelos idosos (por exemplo, Hill, Thompson & Williams, 1997; Hill, Knox, Thompson, Nutt, Hess & Ladany, 2005; Cardoso, Taveira, Biscaia & Santos, 2012).

O processo ocorreu em 6 momentos. Primeiro, a equipa reuniu-se para a definição dos objetivos da análise bem como dos parâmetros a considerar na mesma. Daí resultaram os objetivos anteriormente referidos.

De seguida, realizou-se a saturação dos dados, procedimento de confirmação da generalização de dados, validade/análise de conteúdo. Utilizando o programa random.org, gerou-se aleatoriamente 8 participantes, que foram excluídos da primeira fase de análise de conteúdo.

Posteriormente, a equipa principal desenvolveu e definiu os domínios, revendo de forma independente 46 casos e codificando respostas nesses domínios dentro dos casos. Realizou-se essa tarefa usando uma lista compilada de 4 domínios derivados da revisão da literatura. Em seguida, os juízes discutiram as suas considerações individuais a fim de alcançar consenso em relação aos domínios. O auditor reviu esses domínios e forneceu comentários a cerca dos mesmos.

Na fase seguinte, cada juiz resumiu as respostas de cada participante dos primeiros 46 casos numa lista de ideias centrais em cada domínio (categorias), discutindo as discrepâncias de modo a alcançar consenso. Essas ideias centrais não eram interpretativas; em vez disso, eles eram conjuntos de declarações ou ideias semelhantes.

Depois dos membros da equipa chegarem a um consenso sobre a lista de ideias centrais, o auditor examinou a versão de consenso resultante.

Após o consenso, foi realizada uma análise cruzada para determinar semelhanças e diferenças entre os casos. As análises cruzadas iniciais foram realizadas em 46 dos 54 casos, porque os oito casos escolhidos aleatoriamente foram separados para servir como uma confirmação da generalização de dados. As ideias centrais foram separadas em domínios, examinadas de forma independente e agrupadas em categorias. Cada juiz realizou tal processo por conta própria, seguido por uma discussão para chegar a um consenso sobre os títulos das categorias e o núcleo de ideias a serem colocadas em cada categoria, o que exigiu uma revisão contínua de casos anteriores para avaliar se os casos continham evidências ainda não codificadas para qualquer das categorias. Conforme vivenciado nas fases anteriores da análise de dados, quaisquer sugestões feitas pelo auditor foram incorporadas se acordadas por consenso, levando a uma análise revista. As análises dos oito casos restantes não alteraram a estrutura dos resultados, e os achados foram considerados estáveis.

Por fim, todos os dados foram inseridos numa tabela de frequências mediante os domínios e suas categorias.

Resultados

As categorias de domínios são mostradas na Tabela 3 para a amostra total e para as subamostras em função do género e situação residencial. Seguindo Hill et al. (2005), as ideias centrais foram consideradas **gerais** se ocorrerem em todos os casos (100%), **típicas** se ocorrerem em mais da metade dos casos ($\geq 50\%$), **variantes** se ocorrerem em menos da metade, mas pelo menos em 20% dos casos e **raras** se ocorrerem em menos de 20% dos casos. Adicionou-se um índice de percentagem de participantes que mencionaram cada ideia central como forma de capturar a representatividade da ideia central no total da amostra e em ambos os subgrupos. Na análise comparativa das subamostras considera-se que as diferenças são significativas entre grupos quando essa diferença é de dois níveis (Hill et al., 1997). Por exemplo, quando um fator ocorre com frequência geral num grupo e com frequência variante no outro grupo.

Os resultados evidenciam quatro domínios explicando a ligação dos participantes ao local: (1) Individual, (2) Funcional, (3) Ambiental e (4) Social. A caracterização das

dimensões e categorias da ligação ao local de residência fez-se com exemplos ilustrativos na tabela 2.

Analisando por domínio, o Individual é o que possui mais referências com 132, seguido pela dimensão Ambiental que combina 114 referências. Em terceiro lugar encontra-se o domínio Funcional com 46 menções e, por último a dimensão Social que produz 15 citações.

Tabela 2. Dimensões, categorias e exemplos de fatores da ligação ao lugar

Dimensão	Categoria	Exemplo
Individual	Apego ao lugar	“Eu não deixo a minha casa, quero morrer aqui. (Faz parte) Da minha vida, há-de fazer até eu fechar os olhos”
	Nasci/Cresci aqui	“Aqui é que eu nasci. Aqui, ali ao pé da lenha, mesmo na borda da lenha, a minha mãe não teve vagar de chegar a casa. Bati com o nariz na areia, dizia a minha mãe, não sei se é verdade ou não, mas ela costumava diz isso”
	Fez a casa	“Isto que está aqui, eu é que ajudei a fazer isto tudo, tudo. Aquelas casas mais novas que eu aí tenho eu é que amassei a massa toda para aquilo e trabalhava na mina e ao sábado vinha para aqui com um rapaz pedreiro que eu pagava, trabalhava de servente, trabalhava de semana e ao fim de semana vinha para aqui trabalhar, e quando tinha férias e tudo, aproveitava tudo para vir para aqui.”
	Herança	“Era herança de família, do pai, da mãe, irmão, o irmão faleceu ficou para ele e agora ficou para mim, não havia mais familiares. Quando vim para cá, a minha sogra faleceu, isto vai ficando de herdeiro para herdeiro, o meu marido foi o último da família e agora ficou para mim. Depois há-de ficar para o meu filho. Ele quer arranjar a casa, mas vamos lá ver”
	É meu	“Tenho aqui a casa, tenho aqui as coisas, aqui é que é meu...”
	Memórias	“Porque aqui sinto o calor do meu marido ainda.” “Sim, e tenho também as fotografias do meu filho e do meu neto, sinto a família.” “Aqui sinto a companhia do meu marido.”
	Autonomia	“Vou tratar dos bichos, comer e água, depois vou regar a minha horta, quando tempo alguma coisa que fazer faço e depois venho para casa, fico aqui sentada aqui à sombra”
	Liberdade	“O que mais gosto é do descanso e a liberdade que uma pessoa tem de andar aqui à vontade e governar aqui neste bocadinho que é meu e estar aqui.”
Funcional	Acessibilidade	“Não é demasiado longe da vila para andar a pé, antes é que se ia a pé e vinha a pé, agora não.”
	Falta de acessibilidade	“Aqui não temos as coisas à mão...”
	Aqui eu tenho condições	“O que é bom são as condições que aqui tenho. A pura da verdade é, esta casa quando viemos para aqui morar, havia gente que nem que lhe pagassem eles vinham para aqui, à noite não víamos nada aí fora, antes era mais escuro que é agora. Nós com muitas

dificuldades vivemos para aqui, agora assim que pus aqui as condições que tenho, a luz vê-se até lá ao fundo. A gente está aqui e ali pela janela espreitamos tudo, e naquele tempo não se via nada. Estou muito satisfeito pelas condições que aqui fiz.”

Horta (fonte de rendimento)	de	“É (importante) porque cheguei a comer refeições aqui de casa, da horta. Carne, o pão cosido aí, o feijão e as hortaliças aí tudo aqui da terra.”
Água/furo		“Tem aí água em todo o lado, temos um furo alem outro aqui”
Estilo de vida rural		“Nem sequer tem explicação porque eu gosto muito de estar aqui. Porque se tiver numa casa fechada que não tenha quintal não tenha nada, eu não estou cá muito tempo”
É bonito!		“Este (sítio) é o mais bonito”
O ar é bom		“Tem bom ar, apanha aqui os ares da serra e também um pouco marítimo ainda.”
Ambiental	É sossegado	“É um sítio sossegado. Não é assim muito afrontado com vizinhança”
	Efeito restaurativo	“Sempre espaireço, estou sozinha, mas espaireço”
	Orgulho na horta	“Tenho muito orgulho na horta. Agora neste tempo já há pouca coisa da horta, mas no verão há muito. Semeia-se de tudo um bocadinho”
	Gosto dos animais	“Ter os meus bichinhos para eu tratar e sinto-me bem com este ambiente que está a ver. Eu saio ali pra fora e vai tudo atrás de mim. Chego, quando vou ao Cercal, ficam aos pulos porque nos veem, ficamos felizes. Se fossem pessoas não nos faziam isso.”
Interação Social		“Aqui as pessoas convivem umas com as outras.”
Interaçjuda		“...aí uns vizinhos que também são muito bons para mim, trazem uma coisinhas que precise é mais por isso estou aqui, é por eles senão já tinha ido para lá quando o meu vizinho faleceu (tem uma casa na vila), mas como eles estavam aqui tinha companhia e tenho confiança neles e tratam-me bem, damo-nos muito bem e por causa deles estou aqui.”
Social	Ligação aos familiares que vivem na proximidade	“A minha família aqui viveu, tenho aqui parentes, aqui é que gosto de estar.”
	Solidão	“Aborrece-me muito estar sozinha assim, mas não tenho outra hipótese.”

Na amostra total, os resultados refletem que a ligação ao lugar é guiada por uma multiplicidade de fatores que envolvem um contínuo que vai de dimensões mais internas para outras mais externas aos participantes (Tabela 3). No extremo dos fatores internos está a dimensão Individual onde o principal fator de ligação ao local é terem aí construído a sua casa. Referidos com frequência variante estão fatores como a ligação ao espaço através da experiência sentida de apego, foi nesse local que nasceram e cresceram, onde herdaram a casa, sentem que pertencem e são livres. Finalmente, com frequência rara, a ligação ao local faz-se de memórias e sentimentos de autonomia.

O domínio Funcional refere-se às condições que o lugar oferece para garantir qualidade de vida e permitir aos participantes sentirem-se com capacidade para responder aos desafios colocados na sua vivência no lugar. A funcionalidade que liga ao lugar está associada a fatores como a presença ou ausência de bons acessos, a existência de uma horta ou furo para retirar a água de que precisam. Neste domínio, os fatores ocorrem com frequência variante e rara

O domínio Ambiental refere-se à relação dos participantes com as características do ambiente. Neste domínio, o fator de ligação ao local referido com maior frequência (variante) foi o sossego do lugar. Com menor frequência referiram ser bonito, o orgulho na horta e gostarem do convívio com os animais. Finalmente, com frequência rara, referiram o ar ser bom e o efeito restaurativo.

Finalmente, no extremo dos fatores externos está o domínio Social onde a ligação ao lugar é marcada por fatores positivos como a interação com os vizinhos, a entreatajuda, a ligação a familiares que vivem nas proximidades. No entanto, nalguns casos o domínio Social também se faz de aspetos negativos, nomeadamente, a experiência de solidão. De salientar que todos os fatores são referidos com frequência rara.

Tabela 3. Domínios, categorias, frequências e percentagens

Domínio	Categoria	Participantes									
		Total N= 54		Masculino n= 27		Feminino n= 27		Sozinho n= 21		Acompanhado n= 33	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Individual	Apego ao lugar	Variante	37.0	Variante	29.6	Variante	44.4	Típico	52.3	Variante	27.3
	Nasci/Cresci aqui	Variante	48.1	Típico	51.9	Variante	44.4	Variante	38.1	Típico	54.5
	Fez a casa	Típico	50.0	Variante	33.3	Típico	66.7	Variante	38.1	Variante	36.4
	Herança	Variante	29.6	Variante	29.6	Variante	29.6	Variante	42.9	Variante	21.2
	É meu	Variante	25.9	Variante	29.6	Variante	22.2	Variante	38.1	Raro	18.1
	Memórias	Raro	9.2	Raro	3.7	Raro	14.8	Raro	14.3	Raro	6.1
	Autonomia	Raro	12.9	Raro	3.7	Variante	22.2	Raro	19.0	Raro	9.1
	Liberdade	Variante	31.5	Variante	26.0	Variante	37.0	Variante	33.3	Variante	30.3
Funcional	Acessibilidade	Raro	14.8	Raro	14.8	Raro	14.8	Variante	28.6	Raro	6.1
	Falta de acessibilidade	Raro	5.6	Raro	3.7	Raro	7.4	Raro	0	Raro	9.1
	Aqui eu tenho condições	Variante	37.0	Variante	25.9	Variante	48.1	Típico	52.4	Variante	27.2
	Horta (fonte de rendimento)	Raro	16.7	Variante	22.2	Raro	11.1	Variante	23.8	Raro	12.1
	Água/furo	Raro	11.1	Raro	11.1	Raro	11.1	Raro	14.3	Raro	9.1
Ambiental	Estilo de vida rural	Variante	22.3	Variante	22.2	Variante	22.2	Variante	23.8	Variante	21.2
	É bonito!	Variante	24.1	Variante	29.6	Raro	18.5	Variante	28.6	Variante	21.2
	O ar é bom	Raro	14.8	Raro	18.5	Raro	11.1	Raro	19.0	Raro	12.2
	É sossegado	Típico	68.5	Típico	70.4	Típico	66.7	Típico	71.4	Típico	66.7
	Efeito restaurativo	Raro	14.8	Raro	14.8	Raro	14.8	Raro	14.3	Raro	15.2
	Orgulho na horta	Variante	38.9	Típico	59.3	Raro	18.5	Típico	52.4	Variante	30.3

	Gosto dos animais	Variante	27.8	Variante	25.9	Variante	29.6	Variante	33.3	Variante	24.2
	Interação Social	Raro	7.4	Raro	7.4	Raro	7.4	Raro	14.3	Raro	3.0
	Interajuda	Raro	11.1	Raro	3.7	Raro	18.5	Variante	23.8	Raro	3.0
Social	Solidão	Raro	3.7	Raro	3.7	Raro	3.7	Raro	4.8	Raro	3.0
	Ligação aos familiares que vivem na proximidade	Raro	5.6	Raro	0	Raro	11.1	Raro	9.5	Raro	3.0

Diferenças de género

No que respeita as diferenças de género, não se verificam diferenças significativas entre homens e mulheres em nenhuma das dimensões. No domínio Individual, a ideia central referida pelos participantes do género masculino é o facto de terem nascido/crescido ali, enquanto o género feminino enfatiza a construção da casa ter sido feita pelo casal. Relativamente ao domínio Funcional, também não se verificam diferenças significativas relativamente ao género. A única diferença ao nível dos fatores de ligação ao lugar refere-se “Ter Horta” favorável aos homens. Na dimensão Ambiental, os homens referem significativamente mais dos que as mulheres o orgulho na sua horta. Para os restantes fatores não se verificam diferenças significativas. De facto, para os restantes fatores só se verificou uma diferença não significativa na categoria “É bonito”, sugerindo a estética do local como fator de ligação aos homens mais do que às mulheres. No que diz respeito ao domínio Social, não existem quaisquer diferenças de género. Em síntese, genericamente não existem diferenças de género significativas quanto aos fatores que ligam os participantes ao lugar onde residem.

Diferenças quanto a viver sozinho ou acompanhado

À semelhança das diferenças de género, nas diferenças residenciais também não se verificam diferenças significativas entre viver sozinho ou acompanhado em nenhuma das dimensões. No domínio Individual, apesar de não haver diferenças significativas, as pessoas que vivem sozinhas referem com mais frequência o” Apego ao lugar” (típico) e o lugar “É meu” (variante). Por sua vez, as que vivem acompanhadas referem com mais frequência do que as que vivem só terem nascido ou crescido no local onde habitam no momento (Nasci/Cresci aqui). Relativamente ao domínio Funcional, de modo não significativo, as pessoas que vivem sozinhas referem com mais frequência do que as que vivem acompanhadas terem acessibilidades (variante), condições no local onde vivem (típico) e terem horta (variante). Na dimensão Ambiental, só na categoria “Orgulho na horta” houve diferenças que, apesar de não significativas, são favoráveis às pessoas que vivem sozinhas (típico) relativamente às que vivem acompanhadas (variante). No que diz respeito ao domínio Social, é novamente visível as poucas menções realizadas, no entanto, os participantes que moram sozinhos referem mais frequentemente (variante) do

que os que vivem acompanhados (raro) a importância interajuda. Nas restantes categorias não se verificaram quaisquer diferenças.

Tendo em conta a literatura, foi realizada uma segunda análise que cruzou as dimensões identificadas com as necessidades psicológicas baseadas em Twigger-Ross & Uzzel (1996) e Droseltis & Vignoles (2010).

Tabela 4. Cruzamento das dimensões identificadas com as necessidades psicológicas

Domínio	Categoria	Necessidades Psicológicas								
		Autoestima	Continuidade	Autoeficácia	Significado	Distintividade	Pertença	Controlo	Segurança	Satisfação estética
Individual	Apego ao lugar	X			X		X			
	Nasci/Cresci aqui		X		X		X			
	Fez a casa	X		X	X			X		X
	Herança		X	X	X		X			
	É meu	X		X	X		X	X		
	Memórias		X		X		X			
	Autonomia	X		X						
Funcional	Liberdade			X	X	X			X	
	Acessibilidade			X					X	
	Falta de acessibilidade			X						
	Aqui eu tenho condições	X		X				X		
	Horta (fonte de rendimento)			X				X		
Ambiental	Água/furo	X		X						
	Estilo de vida rural		X		X	X	X			
	É bonito!	X								X
	O ar é bom	X								
	É sossegado	X			X					
Efeito restaurativo			X				X			

	Orgulho na horta	X		X	X	
	Gosto dos animais			X	X	
	Interação Social	X	X		X	
	Interajuda		X		X	X
Social	Solidão		X (falta de)			
	Ligação aos familiares que vivem próximo	X	X	X	X	X

Como é possível observar através da análise da Tabela 4, a necessidade psicológica mais encontrada no total das dimensões deste estudo é a autoeficácia seguida do significado que o local tem para os participantes. Seguida da auto-estima e pertença com os mesmos resultados. As duas necessidades com resultados mais baixos são igualmente a distintividade e a satisfação estética.

Em termos de dimensões, a necessidade com maior resultado, na dimensão Individual (onde o principal fator de ligação ao local é terem aí construído a sua casa) bem como no domínio Ambiental (que se refere à relação dos participantes com as características do ambiente) é a de significado que se refere à necessidade de encontrar um propósito na própria existência (Vignoles et al. 2006).

Na dimensão Funcional que diz respeito às condições que o lugar oferece para garantir qualidade de vida e permitir aos participantes sentirem-se com capacidade para responder aos desafios colocados na sua vivência no lugar, e no domínio Social onde a ligação ao lugar é marcada por fatores positivos como a interação com os vizinhos, a ajuda, a ligação a familiares que vivem nas proximidades. e aspetos negativos, nomeadamente, a experiência de solidão é a necessidade de auto-eficácia com maior referência definida como a crença de um indivíduo nas suas capacidades para funcionar de forma competente num determinado contexto social e físico; é sentir que se está no controle de uma situação ou lugar (Tajfel & Turner, 1986).

Discussão

A análise demonstra uma grande incidência entre as características físicas e o que os participantes consideram importante para si. O Alentejo onde estes idosos residem é um local com casas muito dispersas, por consequência é um local com uma baixa presença de pessoas, e para estes idosos as pessoas não são importantes para si. Esta afirmação é explicada através dos resultados obtidos. Esta categoria é do domínio Social, domínio este que apenas produziu 15 citações em todas as entrevistas realizadas, com fatores raramente referidos (0%-23,8%).

Os participantes mencionam vários fatores como necessários, mas nunca as pessoas. Parece existir um isomorfismo entre as características do local e a identidade dos sujeitos uma vez que mencionam bastante as características do espaço (sossego, liberdade, abertura, baixa dependência dos outros). Em contrapartida verifica-se que o domínio ambiental é muito mais importante para estes idosos que o social. Num estudo

recente König et al. (2019) sugerem que um envelhecimento bem-sucedido no local pode ser apoiado por um lugar que satisfaz as necessidades das pessoas, mas que também leva as suas características cultural, e neste caso podemos destacar a importância da adequação entre o sujeito e as características do ambiente.

O conceito de identidade de lugar e análise dos conteúdos associados à identidade a um lugar mostra a natureza interrelacional entre as características do espaço e dos sujeitos. A identidade do lugar é desenvolvida através de interações intensivas entre pessoas e lugares ao longo do tempo (Kyle, Graefe & Manning, 2005) e nesse sentido, espera-se que as características dos sujeitos e do espaço de inter cruzem para criar uma identidade ao lugar. Quando comparamos a caracterização do contexto de estudo – Alentejo – com os resultados da identidade ao lugar deste grupo de população idosa a viver em contexto isolado ressaltam um conjunto de isomorfismos, que se manifestem nos conteúdos identificados pelos sujeitos. Verifica-se uma maior centração dos participantes na zona exterior da casa em detrimento do interior da casa que poucas vezes é referido. Salienta-se o estilo de vida rural e a forte ligação ao ambiente natural, com a vida na horta e com os animais e o bom ar. O aspeto mais referido é o “sossego”. Uma das características desta zona do Alentejo é a dispersão das habitações e assim o isolamento social e a solidão. De facto, a dimensão social aparece com muito baixa frequência, os participantes revelaram um sentimento negativo em relação a isso, mas valorizam o sossego.

Esta descrição salienta a congruência entre as características do ambiente e das pessoas. Há uma participante que afirma que tem uma casa na vila, mas na vila há muito barulho: “Gosto mais de estar aqui do que na vila, dormi lá 3 noites e não consegui dormir nada, por causa do ruído. Parece que tenho mais medo lá que aqui. Eu lá oiço os carros a passar, não está um segundo sem passar um carro, e as vezes quase não consigo entrar em casa com os carros encostados.”

Com o tempo, as interações das pessoas com estas características transformam-se no seu "passado ambiental", o que afeta diretamente as suas percepções, reações e comportamentos em relação ao ambiente. Estes "passados ambientais" estão profundamente incorporados nas normas, valores e tradições das pessoas (Devine-Wright & Howes, 2010). Vários autores salientam a importância da congruência do local para os sujeitos, Twigger Ross- Uzzell (1996) salientam a importância “continuidade da

congruência com o lugar”, definida como a congruência entre as características do local e os desejos e valores dos seus residentes (Feldman, 1990; Korpela, 1989). Bernardo e Palma-Oliveira (2005) salientam a importância desta congruência na adaptação dos idosos a novos locais de residência, e a importância de ter em conta as especificidades culturais dos idosos na compreensão desta congruência entre o idoso e o seu ambiente. König et al (2019) sugerem que um envelhecimento bem-sucedido no local pode ser apoiado por um lugar que satisfaz as necessidades das pessoas, mas que também leva as suas características cultural, e neste caso podemos destacar a importância da adequação entre o sujeito e as características do ambiente.

Nesta dimensão destaca-se ainda uma categoria que é a Liberdade, cuja descrição apela para um estilo de vida na linha do que foi anteriormente referido, mas também para uma dimensão de controle sobre o ambiente, o lugar funciona como agência (Li et al., 2019).

Nesta dimensão aparece ainda a importância do apego ao lugar que pode fornecer uma sensação de segurança e estímulo diários e contínuos, com lugares e objetos que oferecem instalações previsíveis, oportunidades para relaxar, a chance de ser criativo e de controlar aspetos da sua vida e, que a outro nível, pode ligar as pessoas a amigos, parceiros, filhos e parentes de uma forma aberta e visível. Li e Zhang (2021) salientam a importância da identidade ao lugar na qualidade de vida dos idosos às mudanças e declínio da sua área residencial. Os idosos preferem manter-se nas suas áreas de residência mesmo em situações em que as suas habitações não cumprem todas as suas necessidades.

As mulheres relatam ser mais apegadas às suas casas do que os homens (Hidalgo & Hernández, 2001; Rollero & De Piccoli, 2010), talvez porque as mulheres geralmente gastam mais tempo na manutenção da casa e mais tempo em casa criando os filhos. A exposição prolongada à casa e o facto de ser o principal mantedor da mesma podem resultar num apego mais forte ao local. Também pode ser que, devido às pressões sociais, os homens estejam menos dispostos a expressar sentimentos de apego e emoção.

O apego ao lugar da área local (tanto a identidade do lugar quanto a dependência do lugar) foi previsto pelo envolvimento das pessoas em organizações locais, escolhendo viver na área por causa de seus atributos físicos e morar na área onde nasceu (Cuba & Hummon, 1993; Hay, 1998; Lewicka, 2010; Stedman, 2006).

Pessoas que ainda moravam no lugar em que nasceram relataram apego ao lugar mais elevado; isso está de acordo com a descoberta de Hay (1998) de que as pessoas que moram onde nascem relataram ter um senso de lugar mais elevado.

Em apoio a estudos anteriores (Hidalgo & Hernández, 2001; Lewicka, 2010), as pessoas demonstraram grande apego às suas casas. Isso pode ocorrer porque as pessoas podem projetar as suas casas para refletir a si mesmas e para apoiar e manter os quatro princípios de identidade de distinção, continuidade, autoeficácia e autoestima. Além disso, a casa é um espaço mais facilmente definível com limites óbvios, enquanto "vizinhança" e "área local" (por exemplo) são mais difíceis de definir porque não possuem limites óbvios ou limites de propriedade.

Uma análise das dimensões mais referidas (Tabela 3), verificamos que a categoria mais referida é "Fez a casa", associada ao investimento económico e em termos de trabalho na construção da habitação. Esta afirmação apela para o processo de apropriação do espaço que se faz pela ação – transformação do espaço ao longo do tempo tendo em conta os valores e desejos do sujeito (Vidal & Pol, 2005). Esta dimensão aparece também associadas às categorias de "Herança" e "é meu". A apropriação/posse no espaço é entendida como um mecanismo básico do desenvolvimento humano, pelo qual a pessoa "apropria-se" da experiência generalizada do ser humano, que é especificada nos significados de "realidade". Essa ênfase na "construção sócio-histórica" da realidade, no interspíquico para explicar o intraspíquico, baseia-se na ideia de que a práxis humana é tanto instrumental quanto social, e que a consciência surge da sua consciência. Através da ação sobre o meio ambiente, pessoas e grupos transformam o espaço, deixando nele a sua "impressão", ou seja, signos e marcas simbolicamente carregados.

Nesta dimensão salienta-se também a importância da continuidade como dimensão importante da identidade ao lugar. Categorias como "nasci/cresci aqui", "memórias" e mesmo a "herança" que apela para uma continuidade familiar salientam a importância do passado na construção da identidade presente. O lugar funciona aqui como referente de identidades e ações passadas e nesse sentido promove uma relação entre a identidade passada e a presente, funciona como o representante de momentos de vida relevante que contribuem para a construção da identidade (Bernardo & Palma-Oliveira, 2005).

No domínio Funcional salienta as boas condições que possuem nos é a categoria com maior relevância. Esta categoria salienta a importância da dimensão de funcionalidade que está associada à percepção de agência. A agência é um processo ativo de adaptação ao ambiente, baseado no comportamento e ação sobre o ambiente. Este processo regula a adequação pessoa-ambiente e é essencial para que os adultos mais velhos mantenham a sua independência e a percepção de controle e de auto-eficácia sobre o ambiente.

Na dimensão Ambiental, o sossego é a principal categoria referida, característica ambiental da zona estudada. O Alentejo é associado ao silêncio, existe uma rara presença humana nestas vastas paisagens. No domínio Social existe uma ausência de relevância demonstrada, relacionado possivelmente com o facto de estas populações estejam habituadas a viver sozinhas, isoladas, sem qualquer tipo de interações sociais.

A população do estudo é uma comunidade dependente, com perdas físicas e cognitivas, residem isoladas e possuem menos capacidades tecnológicas quando em comparação com indivíduos mais novos. As pessoas mais velhas possuem menos capacidades de adaptação e por isso mudar de local é muito mais complicado do que para os outros. Por outro lado, são mais dependentes e encontram-se num local onde a ajuda (que afirmam sentir que existe) é um auxílio pontual, mas distante, que demora tempo a chegar ao local em caso de necessidade, apesar de relatarem não ser um problema para eles.

Implicações dos resultados

Em situações em que estas pessoas tenham que ser deslocalizadas é importante que exista uma continuidade na congruência entre as características do local e os desejos e valores dos sujeitos.

Li e Zhang (2021) salientam a importância da identidade ao lugar na adaptação de idosos às mudanças e declínio da sua área residencial. A importância de manter elementos que permitam ao idoso manter-se apegados ao lugar e fazer uma revisitação das memórias do passado para a manutenção da identidade ao lugar. Os autores identificaram um conjunto de estratégias de *coping* nesse processo de adaptação que incluíam por exemplo a revisitação das memórias do passado para a manutenção da identidade ao lugar.

Limitações para a investigação

O presente estudo apresenta algumas limitações, que se refletem nos domínios: recrutamento de participantes, recolha de dados e informação recolhida.

Relativamente ao recrutamento de participantes foi sentida uma enorme dificuldade em alistar idosos do género masculino que residissem sozinhos, adversidade encontrada, provavelmente, pela esperança média de vida dos homens em relação às mulheres. No respeito à recolha de dados, o avanço das idades dos participantes pode ter levado à dificuldade na compreensão e, conseqüentemente, na resposta às questões colocadas. Em relação à informação recolhida, foi necessário aumentar a população devido à falta de parecer relevante ao estudo, aspeto que pode estar relacionado com o anteriormente mencionado.

Referências Bibliográficas

- Afshar, P. F., Foroughan, M., Vedadhir, A., & Tabatabaei, M. G. (2016). The effects of place attachment on social well-being in older adults. *Educational Gerontology, 43*(1), 45–51. <https://doi.org/10.1080/03601277.2016.1260910>
- Bernardo, F. (2005). Até pagava mais para aqui ficar. *Identidade e Mudança numa situação de Realojamento*.
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. M. (2005). Place change and identity processes.
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. M. (2016). Urban neighbourhoods and intergroup relations: The importance of place identity. *Journal of Environmental Psychology, 45*, 239-251.
- Bonaiuto, M., Aiello, A., Perugini, M., Bonnes, M., & Ercolani, A. P. (1999). Multidimensional perception of residential environment quality and neighbourhood attachment in the urban environment. *Journal of environmental psychology, 19*(4), 331-352.
- Bonaiuto, M., Bonnes, M., & Continiso, M. (2004). Neighborhood Evaluation within a Multiplace Perspective on Urban Activities. *Environment and Behavior, 36*(1), 41–69. <https://doi.org/10.1177/0013916503251444>
- Breakwell, G. (1993). Social representations and social identity. *Papers on social representations, 2*, 198-217.
- Breakwell, G. M. (1988). Strategies adopted when identity is threatened. *Revue internationale de psychologie sociale*.
- Breakwell, G. M. (1992). Processes of self-evaluation: Efficacy and estrangement. In *Social psychology of identity and the self* (pp. 35-55). Surrey University Press in association with Academic Press.
- Brown, B., Perkins, D. D., & Brown, G. (2003). Place attachment in a revitalizing neighborhood: Individual and block levels of analysis. *Journal of Environmental Psychology, 23*(3), 259–271. [https://doi.org/10.1016/s0272-4944\(02\)00117-2](https://doi.org/10.1016/s0272-4944(02)00117-2)
- Brown, G., & Raymond, C. (2007). The relationship between place attachment and landscape values: Toward mapping place attachment. *Applied Geography, 27*(2), 89–111. <https://doi.org/10.1016/j.apgeog.2006.11.002>

- Buffel, T., De Donder, L., Phillipson, C., De Witte, N., Dury, S., & Verté, D. (2014). Place Attachment Among Older Adults Living in Four Communities in Flanders, Belgium. *Housing Studies*, 29(6), 800–822. <https://doi.org/10.1080/02673037.2014.898741>
- Caetano, S. C., Silva, C. M., & Vettore, M. V. (2013). Gender differences in the association of perceived social support and social network with self-rated health status among older adults: a population-based study in Brazil. *BMC geriatrics*, 13(1), 1-14.
- Cardoso, P. M., Taveira, M. C., Biscaia, C. S., & Santos, M. G. (2012). Psychologists' dilemmas in career counselling practice. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 12(3), 225-241.
- Carp, F. M., & Carp, A. (1984). A complementary/congruence model of well-being or mental health for the community elderly. In *Elderly people and the environment* (pp. 279-336). Springer, Boston, MA.
- Clayton, S. D., & Opatow, S. (2003). *Identity and the natural environment: the psychological significance of nature*. Mit Press.
- Cuba, L., & Hummon, D. M. (1993). A place to call home: Identification with dwelling, community and region. *The Sociological Quarterly*, 34, 111-131.
- Cvitkovich, Y., & Wister, A. (2001). The Importance of Transportation and Prioritization of Environmental Needs to Sustain Well-Being among Older Adults. *Environment and Behavior*, 33(6), 809–829. <https://doi.org/10.1177/00139160121973250>
- Devine-Wright, P., & Howes, Y. (2010). Disruption to place attachment and the protection of restorative environments: A wind energy case study. *Journal of environmental psychology*, 30(3), 271-280.
- Droseltis, O., & Vignoles, V. L. (2010). Towards an integrative model of place identification: Dimensionality and predictors of intrapersonal-level place preferences. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 23-34
- Erikson, E. H. (1946). Ego development and historical change: Clinical notes. *The psychoanalytic study of the child*, 2(1), 359-396.
- Eyles, J., & Williams, A. (2008). *Sense of place, health and quality of life*. Ashgate.
- Feldman, R. M. (1990). Settlement-identity: Psychological bonds with home places in a mobile society. *Environment and behavior*, 22(2), 183-229.

- Fernández-Portero, Cristina; Alarcón, David; Barrios Padura, Ángela (2016). Dwelling conditions and life satisfaction of older people through residential satisfaction. *Journal of Environmental Psychology*. doi:10.1016/j.jenvp.2016.11.003
- Fornara, F., and Manca, S. (2017). “Healthy residential environments for the elderly,” in *Handbook of Environmental Psychology and Quality of Life Research*, eds G. Fleury-Bahi, E. Pol, and O. Navarro (Berlin: Springer), 441–465. doi: 10.1007/978-3-319-31416-7
- Fornara, F., Lai, A. E., Bonaiuto, M., & Pazzaglia, F. (2019). Residential place attachment as an adaptive strategy for coping with the reduction of spatial abilities in old age. *Frontiers in psychology*, *10*, 856.
- Fried, M. (1963), ‘Grieving for a lost home’, in L. Duhl (ed.) *The Urban Condition*, Basic Books, New York.
- Fried, M. (2000). Continuities and Discontinuities of Place. *Journal of Environmental Psychology*, *20*(3), 193–205. <https://doi.org/10.1006/jevp.1999.0154>
- Giuliani, M. V. (1991). Towards an analysis of mental representations of attachment to the home. *Journal of Architectural and Planning Research*, 133-146.
- Giuliani, M. V., & Feldman, R. (1993). Place attachment in a developmental and cultural context. *Journal of Environmental Psychology*, *13*(3), 267–274. [https://doi.org/10.1016/s0272-4944\(05\)80179-3](https://doi.org/10.1016/s0272-4944(05)80179-3)
- Guedes, J. (2012). *Viver num lar de idosos – Identidade em risco ou Identidade Riscada?*. Lisboa: Coisas de ler.
- Harris, P. B., Werner, C. M., Brown, B. B., & Ingebritsen, D. (1995). Relocation and Privacy Regulation: A Cross-Cultural Analysis. *Journal of Environmental Psychology*, *15*(4), 311–320. <https://doi.org/10.1006/jevp.1995.0027>
- Hay, R. (1998). Sense of Place in Developmental Context. *Journal of Environmental Psychology*, *18*(1), 5–29. <https://doi.org/10.1006/jevp.1997.0060>
- Hernández, B., Carmen Hidalgo, M., Salazar-Laplace, M. E., & Hess, S. (2007). Place attachment and place identity in natives and non-natives. *Journal of Environmental Psychology*, *27*(4), 310–319. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2007.06.003>
- Hernández, B., Hidalgo, M. C., & Ruiz, C. (2020). Theoretical and methodological aspects of research on place attachment. *Place Attachment*, 94-110.

- Hidalgo, M. Carmen., & Hernández, B. (2001). Place Attachment: Conceptual And Empirical Questions. *Journal of Environmental Psychology, 21*(3), 273–281. <https://doi.org/10.1006/jevp.2001.0221>
- Hill, C. E., Knox, S., Thompson, B. J., Nutt, W. E., Hess, S. A., & Ladany, N. (2005). Consensual qualitative research: An update. *Journal of Counseling and Development, 52*, 196–205. doi:10.1037/0022-0167.52.2.196.
- Hill, C. E., Thompson, B. J., & Williams, E. N. (1997). A Guide to Conducting Consensual Qualitative Research. *The Counseling Psychologist, 25*(4), 517–572. <https://doi.org/10.1177/0011000097254001>
- INE. (2021). Indicadores resumo sobre População 2013. Lisboa: INE. Retrieved from https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&userLoadSave=Load&userTableOrder=9327&tipoSeleccao=1&contexto=pq&selTab=tab1&submitLoad=true
- James, W. (1890). *The Principles of psychology. Vol. 1*. New York Cosimo Classics.
- Knez, I. (2005). Attachment and identity as related to a place and its perceived climate. *Journal of Environmental Psychology, 25*(2), 207–218. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2005.03.003>
- König, K., Raue, M., D’Ambrosio, L. A., & Coughlin, J. F. (2019). Physical and emotional support of the neighborhood for older adults: A comparison of the United States and Germany. *Journal of Environmental Psychology, 62*, 84–94. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2019.01.008>
- Korpela, K. M. (1989). Place-identity as a product of environmental self-regulation. *Journal of Environmental psychology, 9*(3), 241-256.
- Korpela, K. M. (2012). “Place attachment,” in *The Oxford Handbook of Environmental and Conservation Psychology*, ed. S. Clayton (New York, NY: Oxford University Press), 148–163.
- Korpela, K. M., Hartig, T., Kaiser, F. G., & Fuhrer, U. (2001). Restorative Experience and Self-Regulation in Favorite Places. *Environment and Behavior, 33*(4), 572–589. <https://doi.org/10.1177/00139160121973133>
- Kyle, G., Graefe, A., & Manning, R. (2005). Testing the Dimensionality of Place Attachment in Recreational Settings. *Environment and Behavior, 37*(2), 153–177. <https://doi.org/10.1177/0013916504269654>

- Lawrence, R.J. (2002). Healthy residential environments. In: Bechtel, R., Churchman, A. (Eds.), *Handbook of Environmental Psychology*. Wiley, New York, pp. 394–412.
- Lawton, M. P. (1998). Environment and aging theory revisited. *Environment and aging theory*.
- Lawton, M. P., & Nahemow, L. (1973). Ecology and the aging process.
- Lewicka, M. (2005). Ways to make people active: The role of place attachment, cultural capital, and neighborhood ties. *Journal of Environmental Psychology*, 25(4), 381–395. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2005.10.004>
- Lewicka, M. (2010). What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 35–51. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.05.004>
- Lewicka, M. (2011). Place attachment: How far have we come in the last 40 years? *Journal of Environmental Psychology*, 31(3), 207–230. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.10.001>
- Li, X., & Zhang, T. (2021). Place identity and older residents' coping strategies while ageing in declining neighbourhoods of urban China. *Journal of Environmental Psychology*, 78. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2021.101692>
- Li, X., Kleinhans, R., & van Ham, M. (2019). Ambivalence in place attachment: the lived experiences of residents in danwei communities facing demolition in Shenyang, China. *Housing Studies*, 34(6), 997-1020.
- Low, S. M., & Altman, I. (1992). Place attachment: a conceptual inquiry. In I. Altman, & S. M. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 1–12). New York: Plenum Press
- Maslow, A. H. (1987). *Motivation and personality* (3rd ed.). New York: HarperCollins.
- McCool, S. F., & Martin, S. R. (1994). Community Attachment and Attitudes Toward Tourism Development. *Journal of Travel Research*, 32(3), 29–34. <https://doi.org/10.1177/004728759403200305>
- Moore, J. (2000). Placing Home In Context. *Journal of Environmental Psychology*, 20(3), 207–217. <https://doi.org/10.1006/jevp.2000.0178>
- Murray, H. A. (1938). *Explorations in personality*. Oxford University Press.
- Oliveira, R., de Abreu, A. C., & Correia, T. (2004). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental* (Vol. 5). Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

- Park, S., & Lee, S. (2017). Age-friendly environments and life satisfaction among South Korean elders: person–environment fit perspective. *Aging & mental health*, 21(7), 693-702.
- Paúl, C., Fonseca, A. M., Martín, I., & Amado, J. (2003). Psychosocial Profile of Rural and Urban Elders in Portugal. *European Psychologist*, 8(3), 160–167. <https://doi.org/10.1027//1016-9040.8.3.160>
- Phillips, D. R., Cheng, K. H. C., Yeh, A. G. O., & Siu, O.-L. (2009). Person—Environment (P—E) Fit Models and Psychological Well-Being Among Older Persons in Hong Kong. *Environment and Behavior*, 42(2), 221–242. <https://doi.org/10.1177/0013916509333426>
- Proshansky, H. M. (1978). The city and self-identity. *Environment and behavior*, 10(2), 147-169.
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place-identity: Physical world socialization of the self. *Journal of environmental psychology*.
- Raymond, C. M., Brown, G., & Weber, D. (2010). The measurement of place attachment: Personal, community, and environmental connections. *Journal of Environmental Psychology*, 30(4), 422–434. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.08.002>
- Relph, E. (1976). *Place and Placelessness*. London: Pion Limited.
- Riger, S., & Lavrakas, P. J. (1981). Community ties: Patterns of attachment and social interaction in urban neighborhoods. *American Journal of Community Psychology*, 9(1), 55–66. <https://doi.org/10.1007/bf00896360>
- Rollero, C., & De Piccoli, N. (2010). Place attachment, identification and environment perception: An empirical study. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 198-205.
- Rubinstein, R. L., & Parmelee, P. A. (1992). Attachment to place and the representation of the life course by the elderly. In I. Altman & S. M. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 139-163). New York: Plenum. https://doi.org/10.1007/978-1-4684-8753-4_7
- Severinsen, C., Breheny, M., & Stephens, C. (2016). Ageing in Unsuitable Places. *Housing Studies*, 31(6), 714–728. <https://doi.org/10.1080/02673037.2015.1122175>

- Sirgy, M. J., & Su, C. (2000). Destination Image, Self-Congruity, and Travel Behavior: Toward an Integrative Model. *Journal of Travel Research*, 38(4), 340–352. <https://doi.org/10.1177/004728750003800402>
- Speller, G. M. (2000). *A community in transition: A longitudinal study of place attachment and identity processes in the context of an enforced relocation* (Doctoral dissertation, University of Surrey).
- Stedman, R. C. (2006). Understanding Place Attachment Among Second Home Owners. *American Behavioral Scientist*, 50(2), 187–205. <https://doi.org/10.1177/0002764206290633>
- Stokols, D., & Shumaker, S. A. (1982). The Psychological Context of Residential Mobility and Well-Being. *Journal of Social Issues*, 38(3), 149–171. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1982.tb01776.x>
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986) The social identity theory of the intergroup behaviour. In S. Worchel & W. G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (2nd edition). Nelson-Hall: Chicago.
- Tartaglia, S. (2012). Different Predictors of Quality of Life in Urban Environment. *Social Indicators Research*, 113(3), 1045–1053. <https://doi.org/10.1007/s11205-012-0126-5>
- Taylor, R. B., Gottfredson, S. D., & Brower, S. (1984). Neighborhood naming as an index of attachment to place. *Population and Environment*, 7(2), 103–125. <https://doi.org/10.1007/bf01254780>
- Tognoli, J. (1987). Residential environments. *Handbook of environmental psychology*, 1, 655-690.
- Trentelman, C. K. (2009). Place Attachment and Community Attachment: A Primer Grounded in the Lived Experience of a Community Sociologist. *Society & Natural Resources*, 22(3), 191–210. <https://doi.org/10.1080/08941920802191712>
- Twigger-Ross, C. L., & Uzzell, D. L. (1996). Place And Identity Processes. *Journal of Environmental Psychology*, 16(3), 205–220. <https://doi.org/10.1006/jevp.1996.0017>
- Twigger-Ross, C., Bonaiuto, M., & Breakwell, G. (2003). *Identity theories and environmental psychology*.
- Vidal i Moranta, T., & Pol, E. (2005). La apropiación del espacio: una propuesta teórica

para comprender la vinculación entre las personas y los lugares. *Anuario de Psicología*, 2005, vol. 36, num. 3, p. 281-297.

- Vignoles, V. L., Regalia, C., Manzi, C., Golledge, J., & Scabini, E. (2006). Beyond self-esteem: Influence of multiple motives on identity construction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(2), 308–333. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.2.308>
- Wahl, H.-W. , & Oswald , F.(2010). Environmental perspectives on aging . In D. Dannefer , & C. Phillipson(Eds.), *International handbook of social gerontology* (pp. 111 – 124). London: Sage
- Wanka, A. (2017). Disengagement as Withdrawal From Public Space: Rethinking the Relation Between Place Attachment, Place Appropriation, and Identity-Building Among Older Adults. *The Gerontologist*, 58(1), 130–139. <https://doi.org/10.1093/geront/gnx081>
- Zhang, J., & Wang, B. (2020). Rural place attachment and urban community integration of Chinese older adults in rural-to-urban relocation. *Ageing and Society*, 1–19. <https://doi.org/10.1017/s0144686x20001464>

Anexos

Anexo A- Guião da entrevista

1. Agradecimento e Apresentação

- a. Agradecer a disponibilidade para auxiliar no estudo
- b. Nome da investigadora
- c. Objetivo: Compreender os fatores que estão na base desta ligação ao lugar e a sua importância para a identidade pessoal dos sujeitos; explorar como uma mudança de casa imposta pelas circunstâncias (e.g. problemas de saúde) é percebida pelos sujeitos como afetando a identidade ao lugar e a identidade pessoal dos sujeitos.

2. Contribuição/Participação do Entrevistado

- A sua participação envolve responder a algumas perguntas relacionadas com a sua ligação com a sua residência
- A entrevista terá duração estimada de 30 minutos;
- As suas respostas serão gravadas, mas tomarei algumas notas. A qualquer momento pode solicitar a interrupção desta gravação.
- Apenas os investigadores terão acesso às transcrições, e comprometemo-nos a impedir a divulgação do conteúdo da entrevista.

3. Consentimento Informado

- Tem alguma dúvida prévia?
- O Consentimento Informado esclarece todos os aspetos desta pesquisa, assim como informa sobre o que acabámos de conversar. Constitui uma formalidade que cumpre o que está estabelecido pela Ordem dos Psicólogos Portugueses para a realização de investigação com participação de pessoas exteriores à equipa de investigação.

4. Início

- Podemos começar? INICIAR GRAVAÇÃO
- Esta entrevista tem por função ouvir as suas experiências/vivências nesta casa. Para tanto irei colocar algumas questões.
- Se ficar em dúvida sobre a compreensão de alguma coisa nesta entrevista, podemos parar e esclarecer.

Nome:

Idade:

Estado civil:

Escolaridade:

Com quem vive:

Filhos: onde vivem:

Profissão:

Há quantos anos mora neste sitio?

Nasceu aqui?

Gosta de viver aqui? Porquê?

Viver aqui é importante para si? Porquê?

Sente-se bem aqui? Porquê?

Não tem medo de viver aqui sozinho, isolado?

O que faz com que se sintam bem a viver neste local?

Como é o seu dia a dia?

O facto de estar isolado/a faz com que tenha algum tipo de preocupações? (saúde, medo, perde a sua autonomia (dono/a de si próprio/a) ...)

Acha que alguma vez vai sair daqui? Gostaria de sair ou não?

Se tivesse que mudar, o que acha que perdiam, como se sentiam? Se tivesse que sair daqui, para onde gostariam de ir?

(Filhos) e se eles não os puderem acolher?

5. Finalização

- Agradecer de novo a participação
- Dúvidas ou comentários?